
CELEBRIDADE E ANONIMATO: UMA ANÁLISE DOS DISPOSITIVOS DE CONSTRUÇÃO DA IMAGEM SÓCIO-PROFISSIONAL DO MAGISTÉRIO¹

Paula Perin Vicentini*

RESUMO

O presente texto articula-se em torno de dois planos: ao mesmo tempo em que reúne breves observações acerca de produções mais recentes relativas à imagem social do magistério, analisa um corpus de fotografias publicadas, por ocasião do Dia do Professor, pela grande imprensa carioca entre os anos 1950 e 1960, cujo exame permite apreender a permanência de elementos que representam a profissão de maneira fortemente idealizada, privilegiando a dimensão afetiva da relação pedagógica e a nobreza da missão educativa, relegando a um segundo plano as condições de trabalho. Ao se propor a análise de fotografias de professoras publicadas por jornais de perfis diversos e em momentos bastante distintos da história brasileira, acredita-se poder contribuir para ampliar a compreensão que os professores (sobretudo os que estão em processo de formação inicial) têm do modo como representam o próprio trabalho, favorecendo a capacidade de questionar as formas pelas quais são construídos os significados que os identificam socialmente.

Palavras-chave: profissão docente, fotografia, representações sobre o magistério.

Posto que (...) a sua intenção é fixar, solenizar e eternizar, a fotografia não pode ficar entregue ao acaso da fantasia individual e, pela mediação do ethos – interiorização de regularidades objetivas e correntes –, o grupo subordina esta prática à regra coletiva, de modo que a fotografia mais in-significante expressa, além das intenções explícitas de quem a tirou, o sistema dos esquemas de percepção, de pensamento e de apreciação comum a um grupo.

(BOURDIEU, 1979, p. 22)

O presente texto articula-se em torno de dois planos: ao mesmo tempo em que reúne breves observações acerca de produções mais recentes relativas à imagem social do magistério, analisa um corpus de fotografias publicadas, por ocasião do Dia do Professor, pela grande imprensa carioca entre os anos 1950 e 1960, cujo exame permite apreender a permanência de elementos que representam a profissão de maneira fortemente idealizada, privilegiando a dimensão afetiva da relação pedagógica e a nobreza da missão educativa e relegando a um segundo plano as condições de trabalho. Em 29 de março de 2005, a *Folha de S. Paulo* publicou, na primeira página, a foto de Clotilde Brasil, definida pela legenda como a “eterna professorinha” que, aos 91 anos, “dá aulas há 73 e não pensa em parar; ‘enquanto não me mandarem embora, continuo a trabalhar’”. Tratava-se da chamada para a matéria, de página dupla, feita pelo enviado especial a Três Corações (Minas Gerais) – Sérgio Rizzo – para o caderno FOLHA [Sinapse] sobre a primeira professora do educador Rubem Alves, responsável pela coluna “Sabor do Saber”, publicada no mesmo caderno. Em 4 de maio de

¹Trabalho apresentado no XIII ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), 2006.

*Professora da Faculdade de Educação da USP e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP.

2004, o *Jornal da Tarde* trouxe (também na primeira página) uma grande foto de Elza Oliveira – professora há 45 anos que não queria “deixar os seus alunos” em razão da aposentadoria compulsória, prevista para junho, quando iria completar 70 anos. Segundo a legenda, ela pediu à Secretaria Municipal de Educação para ficar com seus alunos até o fim do ano. ‘Aceito trabalhar como voluntária, sem receber um tostão’, explica. Os alunos da escola Celso Leite Ribeiro Filho retribuem o amor da professora: ‘Ela não vai largar a gente. Eu gosto muito dela. Ela é importante para nós’, diz, chorosa, Júlia Alves Carneiro, de 8 anos”.²

O teor das matérias que fizeram com que estas professoras ganhassem visibilidade na grande imprensa, rompendo com o anonimato que caracteriza o exercício do magistério, remeteu-me imediatamente para a proposta que deu origem à comemoração do Dia do Professor no Brasil em 15 de outubro de 1933, bem como para os valores cultivados nos rituais de celebração que passaram a ser promovidos na ocasião. Em estudo realizado anteriormente (VICENTINI, 2002), pude constatar que, originalmente concebida pela Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal (APC-DF) para que as pessoas manifestassem a sua gratidão ao primeiro mestre – em geral, relegado ao anonimato e ao esquecimento –, a comemoração da data tornou-se oficial no estado de São Paulo em 1948 e incorporou novos significados que se sobrepuseram ao inicial, sem anulá-lo. Homenagens a professores tidos como exemplares e festas de conagração das mais diversas iniciativas associaram-se às lembranças do primeiro mestre nos festejos do 15 de outubro, que, a partir de meados dos anos 1950, começou a contar com protestos da categoria contra os baixos salários, chegando a marcar o início da primeira greve do magistério paulista, realizada em 1963.³

Tendo em vista as inúmeras transformações que marcaram a escola e a sociedade brasileira nas últimas décadas, não se pode deixar de assinalar a permanência dos traços distintivos da profissão docente nas formas de representá-la socialmente, as quais tais fotografias deixam entrever. Não se trata de desconsiderar as especificidades dos momentos nos quais elas foram publicadas, mas sim de procurar entender o significado da manutenção dos valores que tradicionalmente são associados às professoras das séries iniciais do ensino fundamental (a antiga professora primária) na produção da imagem pública da categoria. Nesse sentido, mediante o exame das formas de representação fotográfica utilizadas para dar visibilidade ao magistério, busca-se mostrar como tais valores se expressam numa mídia de ampla circulação – como a grande imprensa – reforçando uma determinada concepção da docência. Evidentemente, não se pretende dar conta aqui do processo por meio do qual as questões relativas ao exercício da profissão docente ganham o interesse dos responsáveis pela definição do que merece ser objeto do noticiário dos jornais. Sujeito a influências de natureza diversa, o processo de escolha do conteúdo das matérias e da forma como elas serão veiculadas, que é determinante para o tipo de destaque recebido no interior da publicação, extrapola os limites deste trabalho. Entretanto, ao se propor a análise de fotografias de professoras publicadas por jornais de

²RIZZO, Sérgio “Clotilde Brasil: senhora do ensino”. *Folha de S. Paulo*, 29/03/2005, FOLHA [Sinapse], p. 4-5. “Aos 70 anos, a professora Elza não quer se aposentar”. *Jornal da Tarde*, 4/05/2004, Caderno A, p. 18.

³No referido estudo, que contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), foi realizado um levantamento junto à grande imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo no período relativo ao Dia do Professor, ou seja, entre os dias 10 e 17 de outubro. No que diz respeito a São Paulo, examinou-se os dois principais jornais do estado na atualidade – *O Estado de S. Paulo* (fundado em 1875, sob o título *A Província de S. Paulo*) e *a Folha da Manhã* (1925-60), posteriormente *Folha de S. Paulo* – e o *Diário de S. Paulo* (1929-79). No tocante ao Rio de Janeiro, foram examinados: *O Globo* (fundado em 1925 e ainda em circulação), *Correio da Manhã* (1901-74) e *Última Hora* (1951-71).

perfis diversos e em momentos bastante distintos da história brasileira, acredita-se poder contribuir para ampliar a compreensão que os professores (sobretudo os que ainda estão em processo de formação inicial) têm do modo como representam o próprio trabalho, favorecendo a capacidade de questionar as formas pelas quais são construídos os significados que os identificam socialmente.

Nesse sentido, é preciso esclarecer que se utiliza aqui o termo representação, tal como o concebe Pierre Bourdieu (1996): “atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos”, que correspondem a diferentes princípios de classificação e de divisão do mundo social, tanto “no sentido de imagens mentais” quanto de “manifestações sociais” para manipulá-las e até modificá-las e por meio das quais se estabelece “o sentido e o consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo, que está na raiz da realidade da unidade e da identidade do grupo” (BOURDIEU, *idem*, p. 107-108). Essa concepção do mundo social permite uma aproximação com a análise de Roger Chartier (1991), para quem não há “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao [seu] mundo” e mobilizam estratégias simbólicas por meio das quais se definem posições e relações, construindo, assim, a sua identidade (p. 177). No entender do autor, o conceito de representação permite apreender...

as diversas relações que os indivíduos mantêm com o mundo social: inicialmente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada; em seguida, os signos, que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma posição, um poder; enfim, as formas institucionalizadas pelas quais os representantes encarnam de modo visível, presentificam, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder (CHARTIER, 1998, p.178-179).

Ao se tomarem aqui as formas de representação fotográfica para se identificar alguns dos traços que atuam para identificar socialmente a categoria docente, convém observar, de acordo com Bourdieu, que as escolhas que tornam um “objeto digno de ser fotografado, isto é, fixado, conservado, mostrado e admirado” (1979, p. 23) deixam entrever os valores estéticos e éticos de uma classe ou profissão, envolvendo muitas vezes uma espécie de negociação entre os membros de um grupo e o profissional chamado para registrar os acontecimentos considerados de maior relevância. Em seu dizer...

se, de maneira abstrata, a natureza e os progressos da técnica fotográfica fazem com que todas as coisas sejam objetivamente “fotografáveis”, de fato, na infinidade teórica das fotografias tecnicamente possíveis, cada grupo seleciona uma gama finita e definida de sujeitos, gêneros e composições (BOURDIEU, *op. cit.*, p. 22).

Em outra perspectiva, Roland Barthes (1961)⁴ também chama a atenção para as escolhas que envolvem a produção fotográfica, mas que são totalmente encobertas pelo fato de se tratar de uma representação analógica, na qual a identidade com que o objeto representado produz um “efeito de real”, dando-lhe um caráter de objetividade e lhe permitindo ter um grande impacto simbólico.

⁴Cabe informar aqui, sem a pretensão de caracterizar os estudos desenvolvidos por Barthes sobre fotografia, que, além dos trabalhos realizados na década de 1960, citados anteriormente, retomou o interesse pelo tema na sua última obra – *A câmara clara* (1984) – na qual ele procura identificar, numa perspectiva bastante subjetiva, os elementos que tornaram certas imagens marcantes para a sua memória visual e afetiva.

Nesse sentido, o autor lembra que não só os fotógrafos estabelecem os elementos que compõem a cena a ser retratada e utiliza os recursos técnicos (o enquadramento, a iluminação, trucagens etc.), mas também os editores definem as fotos a serem publicadas, atribuem-lhes títulos, legendas, comentários e decidem a sua posição na página dos jornais. Nessa perspectiva, “a fotografia de imprensa é uma mensagem”, transmitida pelo jornal que, por sua vez, é “um complexo de mensagens concorrentes, das quais a fotografia é o centro, mas cujo entorno é constituído pelo texto, o título a legenda, a paginação, e de um modo mais abstrato, mas não menos ‘informativo’, o próprio nome do jornal” (p. 127). Trata-se, portanto, de...

um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são (...) fatores de conotação; e por outro lado, esta mesma fotografia não é somente percebida, recebida, ela é lida, vinculada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome, a uma reserva tradicional de signos; ora todo signo supõe um código, e é este código (de conotação) que é necessário tentar estabelecer (Barthes, idem, p. 130).

Embora tenha destacado as relações entre imagem e texto, Barthes observa que a fotografia é um objeto com autonomia estrutural, marcado pelo paradoxo da co-existência de duas mensagens: uma, sem código, decorrente de sua analogia com o real, e outra (com código), cujo significado é decorrente do tratamento recebido durante os diferentes níveis de sua produção e que acabam por constituir uma verdadeira “retórica da imagem”. É justamente em razão deste fato que a fotografia corre o risco de ser mítica, pois, embora pareça objetiva, ela está imbuída de valores. Nessa perspectiva, o autor explora as especificidades da relação que se instaura entre imagem e texto, identificando três mensagens na fotografia. A primeira, lingüística, procura fixar o sentido da representação fotográfica com o intuito de orientar as suas possíveis interpretações, tentando, assim, coibir a sua polissemia que permite ao leitor escolher determinados significados em detrimento de outros. A segunda, denominada literal ou denotativa, refere-se à sua natureza analógica e reforça “o mito do ‘natural’ fotográfico”, pois mascara o seu aspecto de construção, que constitui a terceira mensagem. Esta última, chamada de simbólica, cultural ou conotativa, concerne à

variação de leituras [que] não é anárquica, [pois] ela depende dos diferentes saberes investidos na imagem (saberes prático, nacional, cultural e estético) e estes saberes podem se classificar, gerar uma tipologia; tudo se passa como se a imagem se dava a ler a vários homens e estes homens podem muito bem coexistir num único indivíduo (BARTHES, 1964, p.48).

Tendo em vista tais considerações, analisa-se, a seguir, um conjunto de fotos publicadas pela grande imprensa carioca por ocasião do Dia do Professor, entre as décadas de 1950 e 1960, que veiculavam uma imagem extremamente idealizada da profissão. Diferentemente dos registros das manifestações de rua, identificadas nos jornais paulistas, que evidenciavam a insatisfação com as condições materiais da categoria, tais fotografias, ao retratar professoras recebendo o afeto de seus alunos ou prêmios por uma vida inteira dedicada ao magistério procuravam tornar mais legítima a sua posição no campo educacional ⁵ mediante um discurso que fazia apelo à nobreza da missão de

⁵Entende-se a noção de campo, tal como a define Pierre Bourdieu (1983, 1989): um espaço de lutas estruturado em função de objetos de disputa, no qual se constituem interesses específicos e regras de funcionamento próprias, ao mesmo tempo em que se estabelece a posição de seus agentes e instituições de acordo com o reconhecimento alcançado dentro do próprio campo mediante as disputas pela legitimidade.

ensinar e exaltava valores relativos à recompensa simbólica em oposição à financeira. De grande eficácia simbólica, a iconografia reunida aqui deixa entrever o predomínio da presença feminina tanto nos registros das solenidades quanto das situações escolares veiculados pela grande imprensa carioca por ocasião do Dia do Professor entre os anos 1950 e 1960. Nesse sentido, vale mencionar a análise de António Nóvoa (1996), segundo o qual na transição do século XIX para o XX a predominância de imagens públicas do magistério – essencialmente masculinas – marcou um “momento decisivo de sua afirmação coletiva e profissional”, enquanto que em meados do século passado ganharam espaço as imagens femininas de caráter privado – “a professora com seus alunos ou na classe” – em consonância com as ideologias da maternagem em difusão no campo educacional à época e, mais recentemente, surgiram “imagens públicas e femininas dos docentes” (NÓVOA, 1996, p. 12), indicando uma mudança no modelo de profissionalização da categoria.

RETRATOS DE VELHAS MESTRAS: O TEMPO DE SERVIÇO COMO SIGNO DE DISTINÇÃO

Os rituais de celebração que marcaram as primeiras décadas de comemoração do Dia do Professor deixavam entrever as qualidades tidas como adequadas à profissão, ao renderem homenagem a um integrante da categoria, tornando-o digno de distinção em seu interior. As imagens veiculadas a esse respeito – o retrato do rosto dos profissionais celebrados e o registro do momento em que eles recebiam os signos de tal distinção (flores, pergaminhos, medalhas) –, ao revelarem a sua postura corporal, a sua expressão facial e o seu vestuário etc., davam visibilidade a valores cultivados pelo professorado, muitas vezes de forma tácita, bem como a traços de sua inserção social. Embora se refira especificamente ao magistério primário na França no final do século XIX, Francine Muel (1983) mostrou como a insígnia “digno e modesto” permeava as diferentes esferas de sua vida cotidiana desde a Escola Normal: o vestuário, o comportamento, a arrumação do quarto, a decoração, as atividades realizadas nos horários de lazer e nas férias, incluindo os gostos literários e artísticos. Sem deixar de considerar as diferenças existentes com relação ao caso brasileiro, convém ressaltar que a insígnia “digno e modesto” estava presente nas homenagens analisadas aqui, cujos critérios de distinção diziam respeito, basicamente, à idade avançada (as professoras mais velhas, os fundadores do estabelecimento do ensino etc.) e à superação das adversidades decorrentes do exercício da profissão ou da própria deficiência. A iconografia produzida pela grande imprensa carioca a esse respeito trazia um dos signos desse tipo de distinção simbolizado nos rostos marcados pelas rugas que registravam a passagem do tempo nas imagens que deram visibilidade aos profissionais celebrados.

Em 1954, o jornal *Última Hora* realizou um concurso para localizar a mais antiga mestra do, então, Distrito Federal, destacando em 13/10/1954 a carreira de Dona Eulina Nazareth, “educadora que ocupa o cargo de Chefe do 6º Distrito Educacional há 25 anos”, num *box* localizado na primeira página do segundo caderno no qual a chamada da matéria se encontrava ao lado do retrato de seu rosto. De cabelos grisalhos e curtos, sem brincos, corrente ou qualquer enfeite na parte da roupa vista na fotografia e aparentemente sem maquiagem, ela estava com a cabeça levemente inclinada, parecendo esboçar um sorriso e exibia, apesar dos óculos, um olhar bastante enigmático – impressão acentuada pelo fato de sua imagem, na montagem do jornal, estar voltada para o texto da chamada. Entretanto, o seu rosto largo, bastante vincado pelas rugas e totalmente despojado de qualquer adorno, portando apenas os óculos – que, conforme mostrou Freyssinet-Dominjon (1996), pode ser considerado traço indicativo da docência – ostentava um ar austero e parecia ignorar que sua imagem estava sendo re-

gistrada. Na matéria, localizada na segunda página do segundo caderno e desprovida de qualquer ilustração, o jornal explicitou que, ao condecorar a mestra mais antiga do Rio de Janeiro, pretendia incentivar as comemorações da *Semana e do Dia do Professor*, descrevendo, em seguida, a carreira de Dona Eulina que atuava no magistério há 48 anos. Embora o texto esteja bastante ilegível, foi possível constatar que o periódico destacou o fato dela ter levado 12 anos para ser promovida à diretora e, 11 anos, para tornar-se Chefe de Distrito, cargo que a obrigou a visitar escolas utilizando animais para se locomover. O jornal *Última Hora* salientou, também, que alguns de seus ex-alunos tornaram-se educadores e que ela não pensava em se aposentar. Ao explicitar os aspectos que caracterizavam a sua carreira como exemplar, o jornal difundia os valores predominantemente cultuados pelo magistério primário – a dedicação, o sacrifício, a valorização da recompensa simbólica decorrente do futuro dos seus alunos e o amor ao trabalho mesmo após 48 anos de profissão – e a aparência que deveria caracterizar as mestras: basicamente, a simplicidade e a austeridade.⁶

Ainda no âmbito do referido concurso, o jornal noticiou, na primeira página da edição de 15/10/1954, que Dona Adelina D. Maia receberia do Secretário da Educação, Prof. Haroldo Lisboa da Cunha, “a medalha de ouro por *Última Hora*”, em cerimônia a se realizar no Teatro Municipal, exibindo um pequeno retrato do seu rosto. Também de cabelos grisalhos, mas presos num penteado, usando brincos, broche e uma blusa (ou vestido) listrada com um debrum, D. Adelina encarava a câmera de frente e esboçava um sorriso, deixando transparecer certa serenidade com relação ao fato de estar sendo fotografada. Num *box* localizado ao seu lado, a chamada para o texto sobre a cerimônia informava também que, no dia seguinte, seriam distinguidas as professoras Eulina Nazareth (mencionada anteriormente) e Dinorah Rebelo Guimarães, com 49 anos de ensino particular - respectivamente, no 6º Distrito Educacional e no Auditório Mayrink Veiga. No dia seguinte, o jornal descreveu “a tocante solenidade” durante a qual, após a entrega da Medalha de Ouro e de Anchieta, houve uma apresentação do Corpo de Baile do Municipal e da valsa “Querida Professora”, cantada por Stelinha Egg e por um coro infantil. Acompanhando a chamada da matéria, o *Última Hora* publicou uma foto dela lendo, segundo a legenda, “diante dos microfones da Roquete Pinto e da Guanabara (...) uma verdadeira mensagem de amor e carinho, dirigida às jovens professoras do Brasil”. De perfil e com parte do corpo à vista, sobriamente vestida e usando um pequeno chapéu enfeitado com uma flor, colar e óculos, a sua imagem era rica em detalhes e, diferentemente das anteriores, remetia para a especificidade da situação que buscava não só dar visibilidade ao magistério, mas também expressar o reconhecimento à professora que dedicou boa parte de sua vida ao ensino. Cabe aqui questionar quais as impressões esse tipo de imagem causava nos leitores – docentes ou não –, bem como interrogar o significado de homenagear a mestra mais antiga do Rio de Janeiro, à época o Distrito Federal, atentando para o fato do tempo de serviço constituir um critério para a distinção no interior do corpo profissional.⁷

⁶“Um prêmio à mais antiga professora: Dona Eulina Nazareth, uma carreira exemplar”. *Última Hora*, 13/10/1954, Segundo Caderno (p.1 e 2). Sobre a carreira no magistério primário, ver o texto de Demartini e Antunes (1993), segundo as quais, apesar desse segmento da categoria ser predominantemente feminino, os altos postos da profissão eram ocupados por homens que rapidamente abandonavam “o espaço ‘feminino’ das salas de aulas”, ao passo que as mulheres eram designadas para estes postos somente após um longo período de experiência docente.

⁷“Hoje no Municipal a entrega do prêmio à mais antiga professora”. *Última Hora*, 15/10/1954, Primeiro caderno, p. 6. “Honra ao Mérito”. *Última Hora*, 15/10/1954, Primeira Página. “Emoção e alegria no Teatro Municipal: consagração do magistério na figura de dona Adelina D. Maia”. *Última Hora*, 16/10/1954, Primeiro caderno, p. 1 e 4.

IMAGENS DA SALA DE AULA: O AFETO DOS ALUNOS COMO A PRINCIPAL RECOMPENSA

Além das fotografias das solenidades em homenagem a professoras exemplares, convém analisar também as fotos dos festejos do Dia do Professor, cuja principal marca era o sorriso da professora diante de seus alunos durante a entrega de presentes e de flores. Uma delas, cuja legenda dizia que “O Dia do Professor foi ruidosa e alegremente comemorado”, foi publicada pelo jornal *Última Hora* em 1958 numa matéria em que o título – “Festejos e luta (por salários mais dignos) marcaram o Dia do Professor” – chamava a atenção para os diferentes significados da celebração, bem como para a oposição freqüentemente apontada entre a recompensa simbólica e a financeira da profissão. Se a imagem procurava deixar transparecer um clima de alegria, o texto – embora tenha descrito as festividades de 15 de Outubro e, de certo modo, reiterado o que a imagem mostrava, dizendo que mães enviaram presentes aos professores dos seus filhos – ressaltou as péssimas condições de trabalho. Nesse sentido, o jornal reproduziu as declarações do Presidente do Sindicato dos Professores (José de Almeida Barreto) e destacando a mais polêmica sob a forma de intertítulo – “No Brasil, o professor, é um pária”. Segundo Barreto, as escolas particulares pagavam aos docentes “salários de míseros proletários”, pois mesmo dando 6 aulas por dia, incluindo o sábado, recebiam Cr\$ 12.000,00, dos quais Cr\$ 8.000,00 eram só para o aluguel e com o restante deveriam arcar com as outras despesas, inclusive a de se apresentar bem vestidos aos alunos.⁸

Cerca de dois anos depois, o *Correio da Manhã*, ao noticiar as comemorações do Dia do Mestre no estado da Guanabara, ressaltou o caráter festivo do dia 15 de outubro, quando se viam “crianças carregando buquês e embrulhos de presentes”, denunciando que o comércio de flores não havia perdido a oportunidade “para elevar seus preços e ter também um de seus dias de festa”. A fotografia que acompanhava a matéria mostrava, em primeiro plano, uma mesa com uma toalha rendada, sobre a qual a professora dispôs os presentes e as flores recebidas. Atrás da mesa, a professora – vestindo uma camisa branca e uma saia escura – recebia sorridente um buquê de uma aluna de perfil que, assim como os outros alunos que se encontravam atrás da mesa, parecia não saber se olhava para ela ou para o fotógrafo que dividia a atenção, atraindo o olhar de alguns deles. A legenda – além de informar o nome da mestra, mas sem mencionar a escola onde ela trabalhava, nem a série para a qual ela lecionava – destacou o seu sorriso e o reconhecimento dos alunos: “professora Hebe Walker Silva, recebe sorridente, flores, presentes e carinhos de seus alunos”.⁹

No mesmo ano, o *Última Hora*, na primeira página da edição de 17/10/1960, também deu visibilidade ao aspecto afetivo das comemorações do Dia do Professor como uma oportunidade para os alunos expressarem o carinho que sentiam por suas mestras. O jornal publicou um *box* intitulado “Um beijo para a professora”, com a fotografia – segundo o próprio periódico – de D. Irene sendo beijada pela aluna mais jovem do 3º ano da Escola “Rui Barbosa”, em Bonsucesso. A foto mostrava a menina uniformizada com o cabelo preso e D. Irene sorrindo sem brincos e com uma camisa branca exibindo, desse modo, aspectos marcantes da imagem veiculada sobre a professora primária: a alegria simbolizada pelo sorriso, o asseio, o cuidado com a aparência, mas de maneira sóbria. A legenda limitava-se a reforçar o caráter afetivo da relação existente entre aluna e mestra – “carinho-

⁸“Festejos e luta (por salários mais dignos) marcaram o Dia do Professor”. *Última Hora*, 16/10/1958, Primeiro caderno, p. 2.

⁹“Comemorado no Estado da Guanabara o Dia da Mestra”. *Correio da Manhã*, 16/10/1960, Primeiro caderno, p. 11.

sa homenagem dos alunos aos seus amados mestres” – que constituía um dos principais traços da recompensa simbólica ao trabalho docente.¹⁰

Outro gênero de fotografias que merece ser comentado aqui refere-se às docentes no ambiente de trabalho, sem informações sobre as pessoas retratadas e sem vínculo com o conteúdo das matérias que relatavam as atividades promovidas em comemoração do *Dia do Professor*. Tais fotografias, provavelmente extraídas dos arquivos dos jornais para representar a atividade profissional celebrada em 15 de outubro, acabavam por veicular uma imagem extremamente idealizada da docência, colocando a relação pedagógica em primeiro plano. Uma dessas matérias, publicada pelo *Correio da Manhã* em 15/10/1959, trazia uma foto com a legenda “Mestra: hoje é o dia”, na qual se via, numa mesa redonda, uma professora provavelmente contando uma história para crianças pequenas, sem uniforme, e dispostas ao seu redor. Ao fundo, havia o desenho de um coelhinho, mesa e cadeiras vazias e, embora uma das meninas nitidamente não prestasse atenção ao livro, a cena procurava deixar transparecer um clima de harmonia e integração entre a professora e os alunos. É importante salientar que esta imagem não foi comentada pela matéria que tratou da Semana do Professor e transcreveu a mensagem da presidente da União dos Professores Primários do Distrito Federal, Helena Mendonça, na qual ela definiu o magistério como um sacerdócio, exaltando as “abnegadas servidoras da pátria (...) [que] esquecendo tudo, dores e sacrifícios dos próprios lares, se entrega[m] à prática de ensinar e educar!” e comparando a sua atuação à maternidade – “Mestras e mães! Mães duas, três, uma infinidades de vezes!”. O jornal reproduziu, ainda, a mensagem do presidente da União Metropolitana dos Estudantes, Alfredo Viana, agradecendo os professores – os seus exemplos – “pela abnegação e sacrifício próprios do cargo” e que eram responsáveis pelo futuro do Brasil.¹¹

Em 1963, o *Correio da Manhã Feminino*, numa matéria de página inteira, intitulada “Juventude bem orientada prepara seu futuro”, publicou fotos de uma professora em sala de aula, esclarecendo a sua identidade e contendo textos sobre as imagens. Tratava-se de três fotografias – as únicas localizadas que mencionavam o seu autor (George Gafner) – tiradas do fundo de uma sala de aula, dentre as quais duas, cuja diferença era apenas de foco, mostravam, em primeiro plano, um aluno sentado numa carteira manuseando um livro, um pouco inclinado e de costas para a câmera e, no segundo plano, a professora em pé, com um vestido preto e uma corrente, escrevendo na lousa com um dos braços para trás. O pequeno texto disposto ao lado das fotos, intitulado “Professora e aluno: ambos importantes”, explicitou a razão desse recurso: “a jovem professora no quadro, escrevendo fórmulas matemáticas, é parte integrante e indispensável para a formação de nossa juventude. Seus ensinamentos contribuem, decisivamente, para encaminhar vocações e estimular estudos mais aprofundados, no encerramento de cursos básicos. Na segunda foto, na qual a mestra aparece desfocalizada, em segundo plano, nossa intenção foi destacar o jovem estudante, atento, interessado na matéria. Deverá seguir um curso universitário, especializando-se, conforme sua vocação e tendências específicas”. A terceira imagem mostrava vários alunos de costas, todos homens, um deles com a mão erguida para o qual a professora dirigia o olhar. O pequeno texto que a acompanhava, “Harmonia entre alunos e mestra”, identificava a professora – Lícia Maria Fonseca – e procurava determinar o sentido da cena, definindo-a como “imagem das relações amistosas entre professor e estu-

¹⁰ “Um beijo para a professora”. *Última Hora*, 17/10/1960, *Primeiro caderno*, p. 1.

¹¹ “Dia do Mestre: com alegria e ternura os alunos agradecerão o que receberam”. *Correio da Manhã*, 15/10/1959, *Primeiro caderno*, p. 3.

dante”, pois ilustrava “um dos momentos em que a jovem mestra se prepara para esclarecer algum problema com boa vontade e de forma simples e moderna, segundo os métodos preconizados pela Lei de Diretrizes e Bases”.¹²

A matéria propriamente dita louvou os novos métodos introduzidos pela LDB aprovada em 1961 e os currículos com disciplinas variadas e entrosadas que preparavam a juventude para ingressar na universidade de acordo com a sua aptidão e que forneceria os profissionais de que o Brasil necessitava. O artigo procurou traçar o perfil ideal das “professoras jovens e profundamente interessadas em sua profissão” que atuavam no ensino médio. Segundo o jornal, elas deveriam estabelecer “relações amistosas e compreensivas” com seus alunos, de modo a solucionar os problemas sem dificuldades, mesmo quando se tratava de uma disciplina que poderia parecer árida e desinteressante, como a matemática. Para o *Correio da Manhã*, “se a professora souber apresentar a matéria, o aluno ficará interessado”. Neste caso, diferentemente dos anteriores, texto e imagem foram produzidos no sentido de representar a relação ideal entre professor e aluno no ensino médio que, nos anos 1960, estava em franca expansão, contrastando também nesse aspecto com as fotografias examinadas até aqui – referentes ao magistério primário, embora fosse marcado também pela ênfase na relação pedagógica. Assim, foram definidos os requisitos da boa professora – que deveria ter boa vontade, responder aos alunos de forma clara e simples, utilizar métodos modernos para despertar o interesse pela disciplina – e do bom aluno – interessado e atento – constituindo uma imagem extremamente idealizada da profissão, como atesta o seguinte trecho do jornal acima citado:

Ser professor é uma vocação e das mais belas. O mestre dirige e orienta. Para dar aulas, tem de estudar muito (...) É uma profissão difícil, que demanda habilidade, cultura, *savoir vivre*. O mestre, além de suas atribuições didáticas, digamos assim, também é *public relations* (...) O professor tem de saber lidar com seus alunos e respectivas famílias. Não pode se limitar às quatro paredes de uma sala de aula. Uma de suas tarefas mais importantes é tornar-se amigo de seus alunos, conquistando-lhes a confiança, sem familiaridade demasiada. O ensino bem orientado formará as gerações de jovens brasileiros, de futuro produtivo para a Nação.

Tanto as fotografias publicadas a propósito dos rituais de celebração, quanto as que mostravam as professoras ao lado dos seus alunos (na sala de aula e nos festejos do Dia do Professor), priorizavam os aspectos relativos à recompensa simbólica da profissão. Ao mostrar cerimônias em que professoras eram homenageadas e cenas cujo aspecto principal era o vínculo afetivo com os alunos, as imagens publicadas pela grande imprensa carioca entre os anos 1950 e 1960, por ocasião do 15 de outubro, distanciavam-se das condições de trabalho, reforçando uma visão bastante idealizada da atividade docente, muitas vezes contrastando com os textos publicados sobre o magistério, que denunciavam os problemas de sua situação profissional. Entretanto, se, por um lado, tais imagens, marcadas pela tentativa de deixar transparecer uma relação harmoniosa e extremamente afetiva entre professora e alunos, procuravam retratar um clima de permanente felicidade na escola, por outro, os rostos das professoras exemplares, vincados pela passagem do tempo, sem o sorriso de outrora e com um semblante bastante austero, acabavam por revelar – ainda que sem querer – as dificuldades enfrentadas no decorrer de sua vida profissional, as quais a representação da jovem professora feliz insistia em dissimular.

¹² “Juventude bem orientada prepara seu futuro”. *Correio da Manhã*, 13/10/1963, *Quinto caderno*, p. 1.

Há que se destacar, ainda, a resistência dessas representações nas tentativas de valorização em termos simbólicos da figura da professora, sobretudo da antiga professora primária, cuja posição no campo educacional não era (e não é) a de maior prestígio. Tanto nas matérias sobre o Dia do Professor quanto nas que foram veiculadas recentemente pelos jornais paulistas (cerca de 50 anos depois), a imagem veiculada é a da mulher cuja honra e a alegria provinham do fato de estarem “a serviço” da infância e da juventude, independentemente da orientação pública do jornal que a veiculava. Se a professora fosse pessoalmente identificada ou se toda a categoria pudesse se reconhecer na foto de uma mulher anônima ao lado de seus alunos, isto não importava muito, pois a função, sempre coletiva, era (e é) incompatível com a celebridade. Quer elas estivessem voltadas para o passado, o presente ou o futuro, que elas exercessem a função mais humilde e a mais difundida (professora primária) ou a mais rara e a mais prestigiada intelectualmente nos anos 1960 (a jovem professora de matemática ensinando aos meninos), as fotografias insistem todas na dimensão feminina da função, centrada na relação afetiva mais do que na autoridade intelectual ou na competência didática. Tratava-se sempre de se colocar ao serviço dos alunos, de ganhar a sua confiança, de se sentir gratificada com o seu êxito e ter, assim, realizada a sua vocação. Ficam em aberto aqui as implicações da permanência desse tipo de representação acerca magistério no que diz respeito tanto à compreensão que os próprios professores têm da sua profissão, quanto no tocante à forma pela qual diferentes segmentos sociais vêm a categoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. Le message photographique. *Communications*, Paris: École Pratique des Hautes Études, n° 1, p. 127-137, 1961.
- _____. Rhétorique de l'image. *Communications*, Paris: École Pratique des Hautes Études, n° 4, p. 40-51, 1964.
- _____. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. *La fotografía: un arte intermedio*. Sacramento (México): Editorial Nueva Imagem, 1979.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11(5), p.173-191, jan/abr. 1991.
- _____. *Au bord de la falaise: l'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Éditions Albin Michel, 1998.
- DEMARTINI, Z. B. F.; ANTUNES, F. Magistério Primário: profissão feminina, carreira masculina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n°86, p. 5-14, ago.1993.
- FREYSSINET-DOMINJON, J. Le monde enseignant dans Le Monde de l'Éducation: approche rhétorique de l'image dessinée du professeur. *Recherche et Formation*. Paris: INRP, n° 21, p. 23-36, 1996.
- MUEL-DREYFUS, Francine *Le métier d'éducateur: les instituteurs de 1900, les éducateurs spécialisés de 1968*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
- NÓVOA, A. *L'image à l'infini: la lente accommodation de la profession enseignante à une identité féminine*. São Paulo: FEUSP, 1996 (mimeo).
- VICENTINI, P. P. *Imagens e representações de professores na história da profissão docente no Brasil (1933-1963)*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2002.

ABSTRACT

The present text is articulated around two plans: at the same time it gathers brief observations concerning more recent productions related to the social image of teaching, it analyzes a corpus of published photographs taken on Teacher's Day, by the press of the city of Rio de Janeiro from 1950s to 1960s, which exam allows us to apprehend the maintenance of elements that represent the profession in a strongly idealized way, emphasizing the affectionate dimension of the pedagogic relationship and the nobility of the educational mission and putting work conditions on a second plan. In analyzing photographs of teachers which were published by newspapers from different profiles in different moments of Brazilian history, we intended to contribute to enlarge the understanding that the teachers (mainly the ones who are still in process of initial formation) have about the way they represent their own work, favoring the capacity of questioning how the meanings that socially identify them are built.

Keywords: *Teaching profession, photography, representations on teaching.*